

TEMA DO DIA / CIDADES

CASO GALDINO

Na aldeia onde viveu o índio assassinado, parentes mantêm o ritual diário de acender uma vela por sua alma e pedir ajuda na conquista do local para morar. Filhas e viúva do pataxó tentam reconstruir a vida

Oração e luta pela terra

GUILHERME GOULART
ENVIADO ESPECIAL

Pau Brasil (BA) — Todos os dias, ao cair da noite, algumas das 425 famílias das pequenas casas de alvenaria da reserva indígena Caramuru Catarina Paraguassu, no município de Pau Brasil, a 560 quilômetros de Salvador, se preparam para um ritual. Pouco antes de dormir, os parentes mais próximos do índio Galdino Jesus dos Santos acendem uma vela em homenagem ao pataxó assassinado em 1997 por cinco garotos, enquanto dormia em uma parada de ônibus em Brasília. Cada um em sua casa, mãe, pai, avô, irmãos e filhas pedem à alma do índio ajuda na batalha pela terra na região baiana.

“Ele morreu por essa causa e vai continuar nos auxiliando nessa luta”, afirma Marilene Jesus dos Santos, 38, irmã de Galdino e cacique dos pataxó Hã Hã Hãe (povo pataxó, na língua original do grupo). A tribo acredita que a morte é uma passagem para o mundo dos espíritos. O corpo morre, mas a alma continua viva, à espera da reencarnação.

“Eles vêm e conversam com a gente. Depois que Galdino se foi, consegui vê-lo apenas uma vez, mas não conseguimos conversar”, diz a mãe dele, Minervina Maria de Jesus, 67 anos. Para rezar diariamente pelo filho, ela montou um altar modesto, com a imagem de Nossa Senhora Aparecida impressa em papel, uma Bíblia e vasos de flores vermelhas e amarelas. A santinha está encostada na parede da sala-de-estar, em cima de uma mesa de madeira.

Sentada em um banquinho, Minervina se acomoda ao lado do marido, Juvenal Rodrigues dos Santos, 68, e mentaliza os dois filhos assassinados brutalmente. Em 1988, um dos irmãos de Galdino, João Paixão Jesus dos Santos, o João Cravim, foi morto a golpes de facão durante uma emboscada na área indígena.

A devoção a Galdino ocorre na residência da viúva, Carmélia Salustiana, 40, e das três filhas dele. Até a morte do pataxó, a família morava em uma mesma casa, de madeira pintada em cor-de-rosa, localizada a poucos quilômetros de onde hoje moram os pais do índio. As filhas eram ainda crian-

ças. Evanilha tinha 12 anos; Taitê, 10, e a mais nova, 8. A família era sustentada pelo pataxó, pequeno agricultor que vendia os produtos cultivados em uma feira da cidade de Pau Brasil. “Era um homem lutador”, relembra a mais velha das meninas.

O assassinato de Galdino mudou por completo a vida das quatro mulheres. A perda do pai e marido deixou-as desamparadas e dependentes dos parentes mais próximos. Seis anos e meio depois da tragédia, todas estão casadas, inclusive a viúva. Carmélia escolheu um outro índio pataxó para viver. As três filhas, agora adolescentes, também. Elas moram em casas separadas, em uma região conhecida como Águas Vermelhas, dentro da reserva Caramuru Catarina Paraguassu. A área é uma das últimas conquistas indígenas na região.

Ocupação

Em 2001, o cacique pataxó Gerson Souza Melo liderou uma ação de retomada de terras e expulsou a maioria dos fazendeiros ali instalados. Com a ajuda da Fundação Nacional do Índio (Funai), os índios anexaram a área reocupada à reserva. Algumas propriedades, porém, acabaram reconquistadas pelos antigos donos na Justiça. Outros perderam as propriedades, mas conseguiram indenizações das benfeitorias.

Estimulada pela reconquista das terras, a família de Galdino migrou para Águas Vermelhas. Evanilha dos Santos, 18, mudou-se com o marido, Fernando Nunes, 24, no início deste ano. A primeira filha do casal, Elenilza, de um ano e meio, já havia nascido. Há dois meses nasceu Ernando. A exemplo de Galdino, o casal vive da agricultura — cultiva mandioca, feijão, milho e verduras — e do comércio em feiras.

A família de Evanilha também acende velas todos os dias em memória de Galdino. A devoção se repete durante o feriado de Finados, no dia 2 de novembro. Todos os anos, os parentes mais próximos vão ao cemitério indígena, dentro da reserva, para orar por Galdino e João Cravim. Ao redor das sepulturas, erguidas uma ao lado da outra, os parentes entoam cânticos e fazem votos para que os dois acompanhem a luta pelas terras do povo Hã Hã Hãe.

Fotos: Ronaldo de Oliveira



A MÃE E O AVÔ DE GALDINO, MINERVINA MARIA DE JESUS E LEÔNCIO BISPO DOS SANTOS, REZAM TODAS AS NOITES EM PEQUENO ALTAR MONTADO EM CASA

ELE MORREU POR ESSA CAUSA (TERRA) E VAI CONTINUAR NOS AUXILIANDO NESTA LUTA

Marilene Jesus dos Santos, irmã de Galdino

DEPOIS QUE GALDINO SE FOI, CONSEGUI VÊ-LO APENAS UMA VEZ, MAS NÃO CONSEGUIMOS CONVERSAR

Minervina Maria de Jesus, mãe do índio pataxó

VOU MOSTRAR PARA ELES (OS NETOS DE GALDINO) O QUANTO O MEU PAI EXERCIA A LIDERANÇA

Evanilha dos Santos, filha de Galdino

DEPOIMENTO// EVANILZA DOS SANTOS

Ensino aos netos

“Meu pai era um dos principais líderes da comunidade indígena. Mesmo pequena, eu acompanhava todas as viagens dele para Pau Brasil. Quando meu pai era vivo, ele gostava muito de mim. Lamento que não pude conhecê-lo bem e conviver com ele mais tempo. Mas vou mostrar para eles (netos de Galdino) o quanto o meu pai exercia a liderança. Isso sempre foi motivo de orgulho para mim”



EVANILZA COM O MARIDO, FERNANDO NUNES, E OS FILHOS: ORGULHO DO TEMPO EM QUE VIVEU COM O PAI